

A VIRAGEM DA FILOSOFIA



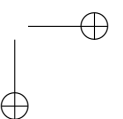
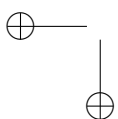
Moritz SCHLICK

Tradutor:
Artur Morão

www.lusosofia.net



LUSO Sofia: PRESS





Apresentação

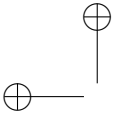
Surgiu este ensaio de M. Schlick (1882-1936) logo a seguir à publicação do “manifesto” programático, *Wissenschaftliche Weltanschauung: der Wiener Kreis* [Concepção científica do mundo: o Círculo de Viena], redigido por H. Hahn, O. Neurath e R. Carnap. Esta roda de amigos e simpatizantes à volta de Schlick desencadeou, como se sabe, o movimento do neopositivismo, nascido de personalidades com formações bastante diferentes, filosóficas umas e científicas outras, mas empenhadas num intuito comum: a denúncia da metafísica, a luta contra a “especulação” (idealismo, posições que admitem a distinção entre ciências naturais e ciências do espírito, etc.), a instituição de uma linguagem unificada que jungisse num todo matizes vários (convencionalista, formalista, empirista e antimetafísico) acerca do conhecimento científico e que servisse de eixo e de modelo na estruturação do saber.

O tom das páginas do filósofo tem, por isso, algo de oracular e de ingénuo triunfalismo; é o entusiasmo da primeira hora, um certo delírio sob a ofuscação do que, pela aparente claridade e fulguração, prometia trazer consigo um remédio para males antigos, sobretudo para a anarquia e o perene conflito dos sistemas filosóficos.

A terapêutica, por seu turno, assentava na promoção da lógica, na proposta da filosofia, não como sistema de proposições com conteúdo próprio, mas como puro sistema de actos (de análise, de reflexão sobre a ‘forma’ do conhecimento, de inspecção do que é expressável, de exame das proposições científicas), e o gesto básico e necessário era a expurgação da metafísica.

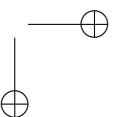
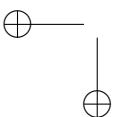
* * *

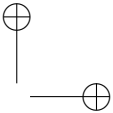
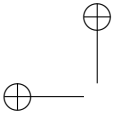




O tom confiante do texto de M. Schlick contrasta profundamente com o que veio logo a seguir: a sua tragédia pessoal, o nazismo e a dispersão dos elementos do Círculo de Viena, as divergências e os contrastes entre os seus membros, as críticas contundentes dos seus adversários, sobretudo de K. R. Popper. E não se esqueça a radical transformação da história das ciências, a revolução inaudita no conhecimento do cosmos, da vida, da matéria, etc., que obrigam a uma reflexão muito mais exigente do que a dos figurinos tradicionais da filosofia.

Artur Morão





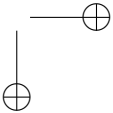
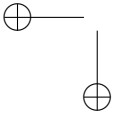
A Viragem da Filosofia (1930)

Moritz SCHLICK

Propuseram-se, de tempos a tempos, temas de concurso sobre a questão relativa aos progressos que a filosofia teria feito num determinado período. A fracção temporal era habitualmente limitada, por um lado, mediante o nome de um grande pensador, por outro, pela “actualidade”. Aparentemente pressupunha-se, pois, que reinava alguma claridade sobre os progressos filosóficos da humanidade até àquele pensador, mas que, desde então, havia dúvidas sobre que novas aquisições a época recente teria acrescentado.

Nestas questões expressa-se claramente uma desconfiança em face da filosofia da época transacta mais recente, e tem-se a impressão de que a tarefa proposta é apenas a formulação envergonhada da pergunta: fez a filosofia em geral, naquele espaço temporal, quaisquer progressos? De facto, se houvesse a certeza de que ali se depara com algumas conquistas, saber-se-ia bem em que elas consistem.

Se o passado mais antigo se encarar com uma demanda menos ambígua e se existir antes a tendência para reconhecer na sua filosofia um desenvolvimento crescente, então este poderá ter o seu fundamento numa contraposição mais arriscada a tudo o que na história já ocorreu; acresce ainda que as filosofias mais antigas demonstraram pelo menos a sua eficácia histórica, que na sua consideração se pode, pois, tomar





como base o seu significado histórico em vez do significado real, e isto tanto mais quanto, muitas vezes, se não ousa distinguir entre os dois.

Mas as melhores cabeças dentre os pensadores raramente acreditaram em resultados inabaláveis, permanentes, do filosofar de épocas anteriores e, inclusive, de modelos clássicos; isto mostra que, no fundo, cada novo sistema é sempre um recomeço, que cada pensador busca a sua base firme própria e não se pode pôr aos ombros dos seus predecessores. Descartes vê-se a si mesmo (não sem razão) como um começo absoluto; Espinosa, com a introdução (decerto puramente extrínseca) da forma matemática, julga ter encontrado o método filosófico definitivo; e Kant estava convencido de que, no caminho por ele seguido, a filosofia tomaria finalmente o passo seguro de uma ciência. É fácil aduzir outros exemplos, pois quase todos os grandes pensadores tiveram por necessária uma radical reforma da filosofia, e eles próprios a intentaram.

Este peculiar destino da filosofia foi tantas vezes descrito e deplorado que é já trivial dele falar, e que a única atitude adequada à situação parece ser o cepticismo tácito e a resignação. Já não é possível - assim parece ensinar uma experiência de mais de dois milénios - tomar a sério todas as tentativas de pôr fim ao caos dos sistemas e de inverter o destino da filosofia. A indicação de que o homem terá, por fim, resolvido os problemas mais contumazes, por ex. o do dédalo, não oferece consolação alguma àquele que conhece, pois o que este receia é justamente que a filosofia nunca consiga transformá-lo num genuíno "problema".

Com esta referência à anarquia, tantas vezes mencionada, das opiniões filosóficas não albergio dúvida alguma quanto à plena consciência que tenho do alcance e da riqueza de conteúdo da convicção que agora gostaria de expressar. Estou persuadido de que nos encontramos no meio de uma viragem definitiva da filosofia e de que temos efectivamente o direito de considerar como encerrado o infrutuoso conflito dos sistemas. A actualidade, afirmo eu, encontra-se já na posse dos meios que, em princípio, tornam inútil qualquer conflito desse jaez; importa agora é aplicá-los com audácia. Esses meios foram criados em segredo,





sem a atenção da maioria dos professores e escritores filosóficos; surgiu assim uma situação que não se pode comparar com todas as anteriores. Apenas é possível discernir que a situação é deveras única, que a viragem ocorrida é de facto definitiva, quando se ganha familiaridade com os novos caminhos e, a partir do ponto de vista a que eles levam, se lança um olhar retrospectivo a todos os esforços que alguma vez figuraram como “filosóficos”.

Os caminhos partem da lógica. Leibniz vislumbrou, de modo claro, o seu início, Gottlob Frege e Bertrand Russell deram nas últimas décadas passos importantes até que Ludwig Wittgenstein (no “*Tractatus lógico-philosophicus*”) avançou, pela primeira vez, para a viragem decisiva.

Como se sabe, os matemáticos desenvolveram, nos últimos decénios, novos métodos lógicos, antes de mais para a resolução dos seus próprios problemas, que não conseguiam ultrapassar com a ajuda das tradicionais formas da lógica; mas, em seguida, a lógica assim nascida (ver o artigo de Carnap neste caderno) mostrou, aliás, novamente a sua superioridade sobre as formas antigas e bem depressa, decerto, as desalojará. Será então esta lógica o grande meio, a que antes me referi, que será capaz de nos subtrair, em princípio, a todas as controvérsias filosóficas, e nos facultar, por exemplo, prescrições gerais, com cuja ajuda se podem resolver, pelo menos em princípio, todas as questões tradicionais da filosofia?

Se este fosse o caso, então dificilmente teria tido o direito de dizer que se criou uma situação inteiramente nova, pois se visaria assim apenas um programa gradual, por assim dizer técnico, tal como, por exemplo, a invenção do motor a gasolina possibilitou, por fim, a resolução do problema do voo. Mas há que enaltecer também o valor dos novos métodos: pelo simples treino de um método nunca se pode chegar a princípios. Por isso, não se lhe deve agradecer a grande viragem, mas a algo de inteiramente diferente que, através dela, se tornou possível e foi estimulado, mas que se desenrola num estrato muito mais profundo: é ele a intelecção da natureza do próprio lógico.





Já há muito, e repetidas vezes, se declarou que o lógico é, em qualquer sentido, o puramente formal; e, no entanto, não havia ideias claras sobre a essência das formas puras. O caminho para a claridade parte do facto de que cada conhecimento é uma expressão, uma representação. Expressa o estado de coisas que nele é conhecido, e isto pode acontecer de muitos modos, em linguagens simples, através de sistemas arbitrários de signos; todos estes tipos possíveis de representação, embora expressem realmente o mesmo conhecimento, devem, por isso, ter algo em comum, e este elemento comum é a sua forma lógica.

Por isso, todo o conhecimento é conhecimento só em virtude da sua forma; por ela representa os estados de coisas conhecidos, mas a própria forma, por seu lado, nunca pode ser representada; só ela importa no conhecimento, tudo o mais é inessencial e material fortuito da expressão, não mais do que, por exemplo, a tinta com que escrevemos uma frase.

Esta concepção simples tem consequências do maior alcance. Por ela abolem-se, antes de mais, os tradicionais problemas da “teoria do conhecimento”. Para o lugar das investigações da “faculdade cognoscitiva” humana, na medida em que elas não podem ser confiadas à psicologia, entra a reflexão sobre a natureza da expressão, da representação, isto é, de toda a “linguagem” possível, na acepção mais geral da palavra. Omitem-se as questões sobre o “valor e os limites do conhecimento”. Cognoscível é tudo aquilo que se pode expressar, e tal é tudo aquilo que se pode inquirir com sentido. Não há, por isso, em princípio questões irrespondíveis, nenhuns problemas que em princípio sejam insolúveis. O que até aqui como tal se considerou não são questões genuínas, mas séries conjuntas sem sentido de palavras que, exteriormente, parecem questões, já que aparentemente satisfazem as regras habituais da gramática; mas, na verdade, constam de sons vazios, porque infringem as profundas regras intrínsecas da sintaxe lógica, que a nova análise descobriu.

Onde quer que se depare com um problema significativo, pode sempre, no plano teórico, indicar-se o caminho que leva à sua solução, pois





é evidente que a indicação deste caminho coincide, no fundo, com a manifestação do sentido; o percurso prático do caminho pode, sem dúvida, ser impedido por circunstâncias reais, por exemplo capacidades humanas insuficientes. O acto de verificação, no qual chega ao fim o caminho da resolução, é sempre do mesmo género: é a exibição de um determinado estado de coisas que é constatado através da experiência, da vivência imediata. De facto, é deste modo que, no quotidiano e em cada ciência, é estabelecida a verdade (ou falsidade) de cada asserção. Não há, pois, nenhuma outra prova e confirmação das verdades excepto através da observação e da ciência empírica. Cada ciência (no caso de com esta palavra pensarmos no conteúdo, e não nas organizações humanas para a sua aquisição) é um sistema de conhecimentos, isto é, de proposições empíricas verdadeiras; e a totalidade das ciências, incluindo ainda as asserções da vida de cada dia, é o sistema dos conhecimentos; portanto fora dela, não existe ainda uma região de verdades “filosóficas”, a filosofia não é um sistema de proposições, não é uma ciência.

Mas que é ela, então? Decerto nenhuma ciência mas, apesar de tudo, algo de tão significativo e magnífico que poderá, como outrora, ser ainda honrada como a rainha das ciências; de facto, em nenhum lado está escrito que a própria rainha das ciências deva ser também uma ciência. Reconhecemos nela agora - e assim se caracteriza positivamente a grande viragem na actualidade - não um sistema de conhecimentos, mas um sistema de actos; ela é a actividade pela qual se estabelece ou se descortina o sentido das asserções. Pela filosofia as proposições são clarificadas e, pelas ciências, verificadas. Nestas lida-se com a verdade das proposições, mas naquela com o que as proposições, em rigor, querem dizer. O conteúdo, a alma e o espírito da ciência residem decerto naquilo que, no fim de contas, se pretende dizer com as suas proposições; a actividade filosófica da doação de sentido é, pois, o alfa e o ómega de todo o conhecimento científico. Era isto o que de modo correcto se pressentia, ao dizer-se que a filosofia proporcionava tanto o fundamento como o remate do edifício das ciências; errónea era ape-





nas a opinião de que o fundamento seria constituído por “proposições filosóficas” (as proposições da teoria do conhecimento), e que a construção seria ainda coroada por uma cúpula de proposições filosóficas (chamada metafísica).

Fácil é de ver que o trabalho da filosofia não consiste na proposta de proposições, que a doação de sentido das proposições não pode, por seu turno, ocorrer mediante proposições. Com efeito, quando indico o significado das minhas palavras mediante proposições elucidativas e definições, portanto com a ajuda de novas palavras, devo continuar a indagar ainda o significado destas outras palavras, e assim por diante. Este processo não pode ir até ao infinito, encontra o seu termo sempre apenas em exhibições factuais, em exposições do que se diz, portanto em actos reais; só estes não são susceptíveis nem precisam de qualquer outra elucidação ulterior; a derradeira doação de sentido tem assim lugar sempre através de acções, e estas constituem a actividade filosófica.

Um dos erros mais graves das épocas passadas foi acreditar que o sentido genuíno e o conteúdo último se formulam, por seu turno, através de asserções, que eles se podem representar em conhecimentos: foi o erro da “metafísica”. A ambição dos metafísicos visou, desde sempre, o objectivo contraditório (cfr. o meu ensaio “Erleben, Erkennen, Metaphysik”, *Kantstudien*, Vol. 31, p. 146) de expressar o conteúdo de qualidades puras (a “essência” das coisas) através de conhecimentos, logo em dizer o indizível; as qualidades não se podem dizer, mas tão-só mostrar na vivência; o conhecimento, porém, nada com elas pode criar.

A metafísica fracassa, não porque a resolução da sua tarefa seria um empreendimento inacessível à razão humana (como porventura Kant pensava), mas porque tal tarefa não existe. Ora, com a descoberta da abordagem falsa torna-se compreensível ao mesmo tempo a história da luta metafísica.

A nossa concepção, se for correcta, deve em geral legitimar-se também do ponto de vista histórico. Tornar-se-á evidente que ela conse-





guirá fornecer de algum modo uma justificação acerca da mudança de significado do termo 'filosofia'.

E assim é, de facto. Se na antiguidade, e em rigor até à época mais recente, a filosofia se identificava, sem mais, com qualquer inquirição científica puramente teórica, isto indica então que a ciência se encontrava num estádio em que ainda devia ter por sua função principal a clarificação dos conceitos fundamentais próprios; e a emancipação das ciências singulares relativamente à sua mãe comum, a filosofia, é a expressão de que o sentido de certos conceitos fundamentais se tornou assaz claro para, com eles, se poder continuar a trabalhar com êxito. Além disso, se por exemplo a ética e a estética e, por vezes, até a psicologia surgem hoje como ramos da filosofia, então estas disciplinas mostram que ainda não dispõem de conceitos fundamentais assaz claros; que, pelo contrário, os seus esforços se dirigem sobretudo para o sentido das suas proposições. E por fim: se no seio da ciência firmemente consolidada sobressai de súbito, num ponto qualquer, a necessidade de reflectir de novo sobre o verdadeiro significado dos conceitos fundamentais, e de se chegar assim a uma clarificação mais profunda do sentido, então essa operação apreende-se logo como eminentemente filosófica; todos admitem que, por exemplo, o feito de Einstein, que partiu de uma análise do sentido das proposições sobre o tempo e o espaço, foi verdadeiramente um acto filosófico. Podemos ainda aqui acrescentar que os progressos decisivos da ciência, que marcam uma época, são sempre deste tipo, que eles significam uma clarificação do sentido das proposições fundamentais e, por isso, só a eles chegam os que são dotados para a actividade filosófica: ou seja, o grande investigador é sempre também filósofo.

Facilmente se torna compreensível que, com frequência, também tenham o nome de filosofia as actividades espirituais que não visam o puro conhecimento, mas a orientação da vida, pois o sábio eleva-se acima da multidão irreflectida justamente porque sabe apontar de modo mais claro do que aqueles o sentido das asserções e das questões sobre as situações vitais, sobre factos e desejos.

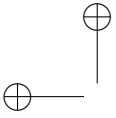




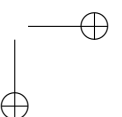
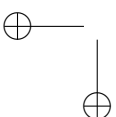
A grande viragem da filosofia significa ainda um afastamento definitivo de certos caminhos errados que, desde a segunda metade do século XIX, tinham sido seguidos, e que levariam a uma apreciação e valoração da filosofia, de todo adulteradas: quero dizer, as tentativas que reivindicam para ela um carácter intuitivo e julgam, por isso, que ela consiste em simples proposições de valor hipotético. A ideia de reclamar para as suas proposições apenas a verosimilhança estava longe dos pensadores mais antigos; tê-la-iam rejeitado como incompatível com a dignidade da filosofia. Expressava-se aí um instinto sadio em relação ao facto de a filosofia ter renunciado à solidez derradeira do conhecimento. Devemos agora ver no seu dogma contrário, o de que a filosofia oferece princípios aprióricos incondicionalmente verdadeiros, uma expressão sumamente infeliz desse instinto, pois que ela não consiste em geral em proposições; mas também nós acreditamos na dignidade da filosofia e consideramos o carácter do inseguro e do simplesmente provável como incompatível com ela, e alegamos porque a grande viragem tornou impossível atribuir-lhe semelhante carácter. De facto, o conceito da probabilidade ou da incerteza não se pode aplicar aos actos doadores de sentido, que constituem a filosofia. Trata-se, sim, de posições que conferem a todas as asserções o seu sentido como algo de pura e simplesmente último. Ou temos este sentido, e então sabemos o que se quer dizer com as asserções; ou não o temos, e então encontram-se diante de nós apenas palavras vazias de significado e que ainda não são quaisquer asserções; não há um terceiro, e da probabilidade da validade não se pode falar. Por isso, a filosofia, após a grande viragem, mostra mais claramente do que antes o seu carácter de validade última.

Só graças a esta característica pode também chegar ao fim o conflito dos sistemas. Repito que, graças aos conhecimentos aludidos, já hoje o podemos considerar como em princípio terminado, e espero que, nas páginas desta Revista e no seu novo ciclo de vida, conseguirei tornar isto ainda mais visível.





Haverá ainda decerto combates de retaguarda, e muitos prosseguirão ainda, ao longo do século, nos trilhos habituais; os escritores filosóficos continuarão ainda, por longo tempo, a discutir velhas pseudoquestões, mas acabar-se-á por deles não mais se ouvir falar, e por eles se assemelharem aos actores que, durante algum tempo ainda, representam, antes de se darem conta de que os espectadores se foram, a pouco e pouco, esgueirando. Então, já não será necessário falar de “questões filosóficas”, porque se falará de modo filosófico sobre todas as questões, ou seja, de uma forma significativa e clara.





* * *

[Nota do Tradutor]

O artigo aqui proposto, “Die Wende der Philosophie”, foi publicado pela primeira vez na revista *Erkenntnis* 1 (1930), pp. 4-11. O texto alemão original pode consultar-se no electro-sítio seguinte:

- **[BIBLIOTHECA AUGUSTANA. Moritz Schlick](#)**

